

Habilidades e competências na sala de aula: o que sai e o que fica?

*Júlio Furtado**

Começamos perguntando por que o discurso do currículo por habilidades e competências ganhou força nos últimos anos? Em primeiro lugar, porque uma nova cultura modifica as formas de produção e apropriação dos saberes. Estamos vivendo uma era pragmática em que o saber fazer e o saber agir são os “carros-chefes” para o sucesso. O saber idealista platônico perdeu lugar nesse mundo. O que importa não são as ideias, as abstrações, mas os resultados, as concretudes, as ações. O mundo vem mudando num ritmo acelerado e “arrastando” consigo novos paradigmas que precisam ser colocados em prática antes de serem refletidos, compreendidos e “digeridos”.

Em segundo lugar, o discurso do currículo por habilidades e competências vem ganhando cada vez mais força porque se projetou na escola uma missão social urgente: a de produzir profissionais mais competentes que sejam cidadãos mais conscientes. Essa missão exige que a escola seja pragmática e utilitarista, abandonando tudo que não leve diretamente ao desenvolvimento de competências. Embora perigosa, essa concepção vem se impondo nos processos de elaboração e planejamento curricular. Outra razão pode ser encontrada no tipo de exigências que o Mercado e o mundo em geral vêm fazendo às pessoas. Buscam-se de pessoas que saibam fazer e que tenham capacidade de planejar e resolver problemas. Todas essas questões apresentaram à escola, um aluno que não se interessa por saberes sem sentido ou sem utilidade imediata. Eis aqui outro perigo: render-se ao utilitarismo do aluno. Talvez nesse ponto, estejamos de frente com o mais clássico dos dilemas: quanto conteúdo devo ensinar? Até que nível de profundidade? Tudo isso contribuiu para que se acreditasse piamente que organizar o currículo escolar por habilidades e competências, forma um aluno mais preparado para enfrentar o mundo.

Outra questão fundamental que se coloca antes de respondermos à pergunta do título é sobre o conceito de habilidade e de competência. Conceitos muito utilizados e pouco refletidos. Habilidade provém do termo latino *habilitas* e refere-se à capacidade e à disposição para (fazer) algo. Competência vem do Latim *competere*, “lutar, procurar ao mesmo tempo”, de com-,”junto”, mais petere,” disputar, procurar, inquirir”. Competência é a capacidade para solucionar situações complexas que exijam, ao mesmo tempo, conhecimentos, habilidades, experiência e atitudes de diversas naturezas. Ser competente significa saber fazer escolhas, decidir, mobilizar recursos e agir.

Os conceitos de habilidade e de competência causam muita confusão e não são poucas as tentativas de diferenciá-los. Podemos dizer, de forma simplista, que habilidades podem ser treináveis enquanto que competências, jamais. Tomemos o exemplo de falar em público. É treinável, embora requeira conhecimento, experiência e atitude, logo, é uma habilidade. Da mesma forma, podemos classificar o ato de ler um texto, de resolver uma equação ou de andar de bicicleta. Já, dar uma aula é uma competência. Por mais que se treine, os diferentes contextos e exigências sempre exigirão além do que se treinou. Assim, também, ocorre com realizar uma cirurgia ou criar um sistema informatizado. Treinar ajuda a desenvolver essas competências, mas se não houver mobilização de conhecimentos, atitudes, habilidades e experiências, não obteremos sucesso.

Cabe fazermos uma distinção entre o sentido de competência no mundo do trabalho e o sentido de competência no mundo da escola. No mundo do trabalho, o conceito de competência se esgota na eficácia. Deu resultado, é competente. Na escola, esse conceito vai além da simples eficácia. Abrange, também, a eficiência. Ao desenvolvermos competências na escola, precisamos estar preocupados não apenas com o resultado, mas também com o caminho que o educando percorreu até esse resultado.

O Ministério da Educação nos apresenta aquelas que são consideradas as competências essenciais que a escola deve se preocupar em desenvolver em todos os níveis e séries:

- Dominar a leitura e a escrita e outras linguagens mais usuais.
- Resolver problemas reais através da realização de cálculos.
- Analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações.
- Compreender o seu entorno social e atuar sobre ele.
- Receber, criticamente, os meios de comunicação.
- Localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada.
- Planejar, trabalhar e decidir em grupo.

Essas competências devem estar presentes em todos os planos de ensino de todos os níveis e séries, de forma que o educando possa desenvolvê-las natural e progressivamente ao longo de sua vida escolar.

A postura do professor diante dessa nova exigência precisa ser a de se perguntar, insistentemente, se, em suas aulas, está desenvolvendo competências ou apenas ensinando conteúdos. A resposta pode ser obtida através da observação atenta dos alunos. O que eles estão aprendendo está contribuindo crescentemente para que eles resolvam situações reais? Eles estão integrando os conteúdos para analisar situações práticas? O currículo está desenvolvendo autonomia intelectual?

É muito comum os alunos errarem questões do tipo:

- Lucas comprou 3 canetas e 2 lápis pagando R\$ 7,20. Danilo comprou 2 canetas e 1 lápis pagando R\$ 4,40. Qual o preço de um lápis e qual o preço de uma caneta?

Ao discutir questões como essas com os professores, na tentativa de identificar a razão do alto índice de erro é comum ouvirmos argumentos como: “Mas eu ensinei sistemas de equações!”, “Isso é falta de atenção!”, “É que o aluno não soube interpretar o problema!”. A questão é que estamos diante da típica situação em que o professor trabalhou o conteúdo, mas não desenvolveu a competência. O aluno não percebeu que através do conteúdo sistemas de equações ele poderia resolver esse problema real. Outro exemplo foi apresentado por uma professora de Língua Portuguesa que interrogou por que, numa prova, o aluno acertou na primeira questão o uso do “mas” e do “mais” e, na última questão, quando a professora pediu que ele escrevesse uma pequena Redação, ele empregou erradamente as mesmas palavras. A explicação é a mesma: trabalhar conteúdo não garante desenvolver competência.

A escola que realmente quiser implantar um currículo estruturado por competências precisará exorcizar alguns velhos hábitos que inviabilizam tal proposta. O primeiro deles é o hábito de apresentar o conteúdo na sua forma mais sistematizada. Esse hábito é difícil de ser exorcizado porque alunos e professores concordam e usufruem de benefícios trazidos por ele. Ao apresentar o conteúdo de forma organizada e sistematizada, com o argumento de que o aluno “entende melhor”, o professor está “poupando” o aluno de encarar e resolver situações-problema. O aluno, por sua vez, recebe de muito bom grado o conteúdo “mastigadinho” e atribui todo o trabalho de compreensão do conteúdo à habilidade de “explicar” do professor. Não é raro ouvirmos de alunos que ele não aprendeu porque o professor não explicou direito. Outra consequência desse “protecionismo cognitivo” é a progressiva passividade do aluno diante de situações-problema.

O segundo hábito a ser exorcizado é o da fixação e o da pressa em cumprir todo o conteúdo. Num currículo organizado por competências, o foco é o desenvolvimento das competências. Por mais óbvia que essa frase possa parecer, é incrível o número de escolas e professores que dizem valorizar o desenvolvimento de competências, mas, ao mesmo tempo, valorizar, também o cumprimento dos conteúdos no tempo determinado. Os conteúdos precisam ser trabalhados e retrabalhados até que a competência se desenvolva. Logo, é preciso que façamos uma escolha sobre o que vamos perseguir.

O trabalho a partir de competências exige a erradicação de um terceiro hábito: a forma como encaramos o erro na escola. Numa escola organizada por conteúdos, errar é o contrário de acertar. O erro é indesejável e o aluno deve evitá-lo ao máximo. Num currículo organizado por competências, errar é parte do processo de acerto. Como os alunos são frequentemente expostos a desafios e como o objetivo é que eles resolvam os desafios, errar é parte do processo. É bom que errem e compreendam por que erraram, dessa forma, o erro será fonte de aprendizagem.

A quarta barreira que a escola precisa vencer para ter o desenvolvimento de competências como norteador das aprendizagens é superar a visão linear dos conteúdos. Essa visão é a responsável por afirmativas do tipo “já trabalhei esse conteúdo no primeiro bimestre!”. O desenvolvimento de competências exige um “currículo circular e dinâmico”. Os conteúdos não pertencem necessariamente a um bimestre ou trimestre. Eles vão e voltam, na medida em que as competências exigem.

Uma questão de caráter prático que se coloca no ensino baseado em competências é com relação à ação metodológica. O que deve fazer um professor que pretende que seus alunos desenvolvam competências, tanto quanto aprendam conteúdos? A principal ação docente nesse sentido é ensinar através de situações desafiadoras. Uma situação desafiadora que se preste ao desenvolvimento de competências precisa ter algumas características específicas. Primeiramente, precisa ser um desafio que seja percebido como possível pelo aluno. Um desafio possível é aquele que desperta mais sentimentos de possibilidade em resolvê-lo do que sentimentos de dificuldades. Segundo Vygotsky, o nível de dificuldade do desafio deve ser apenas levemente maior do que a certeza de que resolveremos o problema. Dessa forma, instala-se um leve desequilíbrio que causa a vontade de encarar o desafio como forma de reequilíbrio. No contexto prático, os professores precisam propor desafios que provoquem esse tipo de desequilíbrio, o que significa planejar bem a situação desafiadora para que não seja muito superior ou muito inferior ao potencial do aluno.

A segunda característica que uma situação desafiadora deve possuir é ter valor sócio-cultural. Significa dizer que o desafio precisa ser proposto, o máximo possível dentro do contexto real de vida no qual ele surge. Deve fugir de teorizações ou abstrações. Maquetes, simulações e estudos de casos são bons caminhos para garantir a validade sócio-cultural de uma atividade.

A terceira característica de uma atividade desafiadora é possuir grau crescente de complexidade para ajudar a manter a motivação. Toda situação desafiadora que se pretenda desenvolvedora de competências precisa ser um problema estruturado e, enquanto tal deve levar o educando a levantar hipóteses, fazer transferências, tomar decisões e avaliar o resultado. Considerar a metacognição é outra característica desejável de uma situação desafiadora. É preciso que através dela, o aluno conheça e perceba o que lhe facilita e o que lhe dificulta caminhar rumo à solução.

Por fim, uma situação desafiadora que se pretende estratégia para desenvolvimento de competências precisa evocar saberes e habilidades. É aqui que os conteúdos ganham significado no processo. É impossível o desenvolvimento de competências sem eles. Para avaliar, por exemplo, em que local é mais segura a construção de casas em terrenos íngremes, são necessários conhecimentos sobre formação e tipos de solos; funções e tipos de vegetação, erosão, cálculo de ângulo de inclinação, etc. Eis, aqui, o lugar dos conteúdos. Eles passam a ser “dirigidos” pelas competências. Num currículo por competências não há lugar para conteúdos desconectados de competências e a ordem dos conteúdos é ditada pelas competências que estão sendo desenvolvidas.

Diante de tudo que refletimos, resta-nos uma pergunta, numa escola que se organiza por competências, o que sai?

- A atitude de encarar o conteúdo pelo conteúdo.
- Os conteúdos desassociados de competências.
- A valorização desnecessária da memorização.
- A avaliação enquanto “emboscada”.
- A forma única de avaliar.
- A supervalorização dos conteúdos instrumentais.

E o que fica?

- Os conteúdos, enquanto necessários às competências.
- A prevalência das atividades em grupo.
- O planejamento de atividades desafiadoras.
- A postura de mediação da aprendizagem.
- O processo de avaliação negociada

Não esqueçamos, pois, que as principais competências necessárias ao nosso tempo são as relacionais. As competências relacionais estão presentes no desenvolvimento da maioria das competências, digamos, técnicas e por isso merecem igual foco e empenho por parte do professor.